

Por uma “classe média universal” nas Américas: o papel da mulher nas revistas *Reader’s Digest* (Estados Unidos) e *Seleções do Reader’s Digest* (Brasil) entre 1939 e 1948

Renan Reis Fonseca
Doutorando em História Social - USP
renanfonseca87@gmail.com

*O problema das mulheres é que elas não tomaram o controle. Olhe a bagunça que os homens fizeram no mundo.*¹ – Frank Capra

A Segunda Guerra Mundial mostrou-se determinante para que novas formas de organização social e política pudessem ser vivenciadas por mulheres e homens, tanto durante o conflito quanto após seu término. A entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1941, marcou o momento em que muitas mulheres foram convocadas a ocupar os postos de trabalho masculinos, principalmente dentro das indústrias, uma vez que grande parte dos homens norte-americanos passou a ocupar os *fronts* de guerra na Europa e nas demais frentes do conflito. Muitas dessas mulheres que se apresentaram ao trabalho fabril naquele momento, desde finais do século XIX e início do XX, já ocupavam diversos setores das indústrias, principalmente os têxteis. O conflito acentuou as possibilidades e fez com que muitas mulheres se destacassem em postos anteriormente a elas vedados, como nos setores aéreos e de indústria pesada.

O modo como estas (re)configurações foram representadas em duas revistas, a norte-americana *Reader’s Digest* e sua versão brasileira *Seleções do Reader’s Digest*, pode fornecer importantes noções para se compreender questões sobre a Segunda Guerra e que nas próximas décadas ganhariam destaque, como a ascensão e conformação de uma classe média de pretensões universais nos Estados Unidos, que seria propulsora de uma difusão ainda maior do *American way of life* em todo o mundo.²

Com o início da Segunda Guerra Mundial na Europa em 1939, o *Digest* passou a apresentar, através de diferentes artigos, a forma como a guerra se desenrolava. Ainda que os Estados Unidos se mantivessem em uma postura de não alinhamento em relação aos países que se confrontavam, os artigos, grosso modo, já se detinham

a apresentar os lados de forma parcial.³ O avanço alemão era visto como um possível problema para a democracia e liberdade defendidas pelos Estados Unidos, porém, as disputas internas sobre a entrada ou não do país no conflito, adiaram a sua participação efetiva até finais de 1941.

Com a entrada definitiva do país no conflito, o *Digest* adotou abertamente uma proposta editorial que versava diretamente sobre a guerra, trazendo à tona artigos diferentes voltados para os homens e as mulheres daquele contexto. Esse direcionamento indica a proposta política do esforço de guerra do qual a revista fazia parte. Destaca, também, que a organização dos papéis desempenhados pelas mulheres, seja no trabalho ou na organização doméstica, era fundamental para o sucesso dos Aliados, agora liderados pelos Estados Unidos, contra a ameaça que o Eixo representava.⁴

Os artigos ressaltavam a necessidade do trabalho feminino e da contribuição das mulheres no *homefront*. Nesse momento, muitas delas precisaram lidar com a mudança de uma estrutura de vida que havia acabado de se reorganizar após os anos de depressão. Ainda assim, as mulheres tiveram uma participação fundamental para o sucesso dos Aliados no *front* de guerra. A convocação das mulheres para participarem do esforço de guerra apareceu de diversas formas na revista norte-americana. A mais direta, no entanto, veio em fevereiro de 1943, quando, no artigo de título *You will be mobilized* (Você será convocado), o articulista destaca que

nós devemos utilizar nosso poderio feminino até um ponto nunca sonhado antes na América. Na Rússia, as mulheres estão lutando; atrás das linhas, elas estão fazendo o trabalho dos homens. Esta é uma das razões pelas quais o exército russo tem tido uma performance tão magnífica. Recentemente, eu estive em um navio comercial russo em um porto americano e a capitã e 47 dos 50 tripulantes eram mulheres. Eu não acredito em mandar as mulheres para a batalha. Mas acredito que elas possam manejar armas antiaéreas em todas as nossas cidades costeiras. Algumas podem se ferir, assim como as enfermeiras se feriram em Corregidor, mas homens e mulheres estão juntos nesta guerra.⁵

As portas do mercado de trabalho se abriam para as mulheres: elas poderiam entrar no esforço de guerra e não apenas nas indústrias, mas atuando na defesa interna. De forma mais modesta, poderiam também atuar nas operações de guerra fora das fronteiras nacionais. Em um artigo intitulado *American women in the war* (As mulheres americanas na guerra), de janeiro de 1944, Eleanor Roosevelt exalta a contribuição das mulheres no esforço de guerra, seja no campo de batalha, com as

Wacs - Women's Arm Corps (únicas mulheres autorizadas a embarcar para o conflito), seja no *homefront*.⁶ Em um lúcido texto, a primeira dama norte-americana daquele momento destaca a contribuição das enfermeiras, das mulheres que adentraram as grades da indústria, mas também daquelas que se dedicaram a manter as atividades rotineiras da nação funcionando. Eleanor Roosevelt contesta a limitada possibilidade de contribuição das mulheres nos campos de batalha, sugerindo que estas poderiam contribuir de forma mais intensa:

até agora, somente as *Wacs* puderam ir para o exterior. Isso me parece ridículo. Esta restrição das atividades dos nossos outros serviços militares femininos não é devido a nenhum sentimento do congresso ou das autoridades militares de que as mulheres não podem realizar este trabalho. É devido, ao invés disso, a um falso cavalheirismo que insiste que as mulheres devem ser protegidas dos perigos e dificuldades da guerra, mesmo contra sua vontade. Algumas mulheres aceitam este ponto de vista, mas eu acredito que a maioria de nós preferiria compartilhar integralmente as experiências dos homens.⁷

A primeira dama acrescenta que essa participação mais efetiva seria produtiva para o pós-guerra, uma vez que homens e mulheres seriam capazes de se reajustar melhor por terem partilhado de experiências semelhantes. Ao se referir às mulheres que se mantiveram no lar, cuidando do *homefront*, Eleanor comenta que: “as muitas centenas de mulheres que não estão fazendo nenhum trabalho incomum, mas estão cuidando de suas casas calma e eficientemente, estão contribuindo mais para o esforço de guerra do que imaginam.”⁸ Dessa forma, a mulher era convocada a ocupar novos espaços, o que levava a questionamentos que começavam a atingir a estrutura social, mas também estatal da nação.

Anteriormente à entrada norte-americana no conflito, o *Digest*, quando publicava algum artigo sobre o papel da mulher que envolvesse aspectos do trabalho, em suas mais variadas formas, geralmente as apresentava em profissões como secretárias, escritoras, *copy-desks*. O ambiente industrial pouco ou quase nunca era referido. Posteriormente à entrada do país no conflito, e devido às necessidades de suprir as lacunas profissionais existentes, o discurso sobre a apresentação da mulher no ambiente profissional se modificou e passou a relacionar os mais diversos aspectos do mundo social. Se em 1940 se falava das secretárias e das *clipper girls*, a partir de 1942, seria a mulher, agora também na indústria, dedicada, consciente de sua participação social, que ganharia as páginas das revistas do *RDA - Reader's Digest Association*.

Com a ebulição social que a guerra causava, o *Digest* se ateu também aos problemas que, segundo a revista, atentavam contra a sociedade e a moral cristã. Dentre estes problemas, a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis causava preocupação ao governo norte-americano, que via na migração de muitas jovens da zona rural para os centros urbanos uma de suas causas. No artigo, de título *Trouble on the street corners* (Problema das esquinas), publicado em maio de 1943, a sexualidade feminina é condenada e a mulher é culpabilizada pela difusão de doenças venéreas.⁹ Inúmeras jovens, muitas entre 15 e 17 anos, que acabaram trabalhando na prostituição, seriam responsáveis pela epidemia que assolava a nação.¹⁰ O artigo isenta o homem de qualquer culpa, seja a de manter relações sexuais com as jovens, seja a de, também, ser disseminador de doenças. As mães do presente deveriam se responsabilizar, naquele contexto, pela possível imoralidade das mães do futuro. O artigo acrescenta que:

a raiz do problema está nos lares americanos. Atrás de toda garota delinquente, de toda tragédia de promiscuidade e doença, está a sombra de pais delinquentes. Todo pai em serviço militar deixa uma responsabilidade dupla para sua esposa; toda mãe na linha de produção tem um trabalho em dobro para realizar. As mães americanas hoje devem se tornar profundamente conscientes da importância da vida familiar; se não estiverem, muitas de nossas mães do futuro terão um passado sórdido de imoralidade e doenças venéreas.¹¹

Se durante os primeiros anos do conflito o *Digest* valorizava o trabalho feminino e a capacidade das mulheres de aprender e se dedicar ao trabalho, a partir de 1944, visualizando o final da guerra – e com o retorno dos soldados para casa prontos a ocupar os postos de trabalho e tendo a mulher que se recolher ao seu papel de dona de casa – a revista começou a apresentar artigos destoantes daqueles iniciais. Em *They learned about women – why do women workers act like women? And what can be done about it?* (Eles aprenderam sobre as mulheres – por que as trabalhadoras agem como mulheres? O que pode ser feito sobre isso?), artigo de Gretta Palmer, o discurso se modifica.¹² O artigo foi reproduzido também por *Seleções* em dezembro de 1944 com o título de ‘Vamos aprendendo algo acerca da mulher’.¹³ As mulheres trabalhadoras no texto são apresentadas como indivíduos repletos de manias e problemas que estavam comprometendo o bom andamento do trabalho industrial. O artigo destaca que:

Na Consolidated Vultee Aircraft Corporation, por exemplo, onde há mais mulheres do que homens empregados, as faltas ao trabalho entre as mulheres foram cinco vezes maiores do que a dos homens. Além disso, quatro em cada cinco mulheres pediram demissão antes de um ano. Recrutar e treinar mais mulheres para suas vagas foi custoso tanto em tempo quanto em dinheiro; manteve trabalhadores qualificados ocupados ensinando ao invés de produzindo.

[...] Mulheres estão principalmente interessadas em ser mulheres. Seus interesses em qualquer outro tipo de sucesso ficam em segundo lugar. Talvez possa se dizer que, da mesma maneira, homens estão interessados em ser homens – mas ser homem *inclui* se dar bem no mundo dos homens. Ser uma mulher de sucesso raramente inclui isso.

Trabalhar por um salário é algo que uma mulher faz até: - até ela encontrar o homem certo, até o bebê chegar, até que seu marido volte para casa [...] até a guerra ser ganha.

[...] O que vai ser delas quando elas voltarem para suas casas? “Elas serão melhores esposas e donas de casa”, senhor Jackson insiste. “Elas saberão quão cansado um homem está quando chega em casa. Elas saberão o que é ganhar dinheiro; significa trabalho duro. Elas terão aprendido o valor do tempo e como o aproveitar; seu novo conhecimento do valor do sistema e da ordem serão refletidos na manutenção de seus lares. Acima de tudo, elas estão aprendendo como é importante se dar bem com as pessoas – quanto um lar harmonioso vale, mesmo em termos de eficiência do trabalho e, portanto, no pagamento.”¹⁴

Foi dessa forma que o *Digest* apresentou o grupo das mulheres norte-americanas que trabalharam nas indústrias durante os anos de guerra: se antes elas se fizeram necessárias ao trabalho fabril, ao término do conflito, poderiam, novamente, ocupar o lugar em que historicamente “melhor desempenhavam” suas funções – o lar. Segundo o texto, essas mulheres agora estavam cientes do esforço desempenhado pelo homem na sociedade e no mundo do trabalho, por terem vivenciado uma experiência similar a deles. Em outras palavras, agora elas sabiam quão dura era a vida do homem. Não era possível esperar algo diferente: a lógica do período está vinculada exclusivamente à ótica do homem. Note-se que aqui está se falando de mulher branca de classe média. As revistas são porta-vozes da classe média e dirigidas à classe média, e há pouco, portanto, sobre a mulher pobre e negra. Segundo a lógica do *Digest*, só era pobre – o *loser* (perdedor) – quem não conseguira com esforço próprio subir na vida. Resta saber por quanto tempo ainda estariam essas mulheres dispostas a retornar à lógica familiar, agora cientes dos outros papéis que poderiam ocupar ou desempenhar em outros espaços sociais que não o lar.

As dimensões dos conteúdos que eram ou não considerados transnacionais pelas revistas do *RDA*, hábeis de serem publicados tanto nas edições dos Estados Unidos quanto nas do Brasil, podem ser melhor compreendidas a partir da análise das representações da mulher também em *Seleções*, como - em boa parte das vezes -

uma republicação dos artigos já veiculados na versão norte-americana da revista. Para isso, faz-se necessário atentar-se para o fato de que revistas como *Seleções* não eram exclusivamente uma tradução do *Digest* norte-americana. Como o nome diz, a revista era uma seleção de artigos do *Digest* traduzidos para o português, que muitas vezes sofriam cortes e adaptações.

Essa proposta de temas que circulavam em âmbito transnacional, no entanto, revela o quanto Brasil e Estados Unidos carregavam em si imensas diferenças estruturais, mesmo a intenção de difundir a cultura norte-americana em território brasileiro sendo grande. Enquanto os Estados Unidos já eram a primeira economia em 1939, sendo que com o final da Segunda Guerra alcançaram a almejada hegemonia mundial, o Brasil era um país que ainda lutava para se industrializar. Em terras brasileiras, o deslocamento populacional do campo acabaria por inchar as grandes cidades. Havia uma concentração no litoral e zonas desconhecidas no interior, como Goiás e Amazonas, que atraíam a curiosidade de brasileiros e norte-americanos, o que refletiu em diversos artigos de *Seleções*, mas também do *Digest*.¹⁵

Além disso, havia as diferenças culturais, como o fato de os Estados Unidos serem basicamente um país protestante e o Brasil, católico. Representações sobre a mulher – o seu papel na família, modelos de conduta, além de hábitos de consumo – cruzaram fronteiras e foram amplamente veiculados nos Estados Unidos e no Brasil. As diferenças econômicas e políticas entre os dois países também se refletiam no âmbito social. As mulheres nos Estados Unidos adentraram o mercado de trabalho desde o início do século XX, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, como apresentado, e esse deslocamento e maior possibilidade de trânsito, entre o domínio privado e o público, suscitaram novas formas tanto de se representar as mulheres, quanto de vivenciar, propriamente, os papéis e relações de gênero.¹⁶

O distanciamento entre Brasil e Estados Unidos tornou-se menor em agosto de 1942, quando o Brasil, ainda que no auge do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, declarou guerra à Alemanha e à Itália. Iniciava-se, então, um momento decisivo para a política e para as relações exteriores brasileiras. Em pouco tempo, o Brasil se aproximou dos Estados Unidos e passou a ser um dos países estratégicos para a difusão da política e cultura daquele país na América do Sul. *Seleções*, neste contexto, foi um espaço de intensa propaganda para as forças aliadas ao veicular inúmeros artigos sobre o conflito e os seus participantes.

Grande parte dos números do *Digest* entre 1942 e 1945 foram dedicados ao conflito, a seus personagens (heroicos ou não) e aos possíveis desdobramentos futuros. Apesar de a participação do Brasil e Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial ter se dado de forma tão distinta ao longo daqueles anos, a mesma proporção foi adotada por *Seleções*, inclusive no que se refere à participação efetiva das mulheres no conflito. Foi a contribuição das mulheres norte-americanas na indústria bélica que ganhou maior destaque em *Seleções*, mesmo com a entrada do Brasil na guerra. As mulheres brasileiras pouco foram retratadas.

Em artigo publicado em agosto de 1942, a revista brasileira evidenciou como o trabalho feminino norte-americano foi importante e fomentou uma "saudável" competição entre homens e mulheres.¹⁷ Intitulado por *Seleções* como 'A mulher acelera a produção de aviões', o artigo havia sido publicado pelo *Digest* em junho de 1942 com o título de New women workers speed plane production. É possível perceber que a grande maioria dos artigos veiculados sobre as mulheres e o trabalho no período do pós-guerra foi reproduzida por ambas as revistas, o que reforça a percepção de que o papel da mulher no período foi abordado de forma transnacional.¹⁸

O texto destacava o crescimento diário da mão de obra feminina nas fábricas destinadas à produção de aviões, salientando a eficiência das mulheres, que realizavam diversas tarefas com maior rendimento e menos tempo.¹⁹ Esta eficiência estaria sendo benéfica para a produção por gerar uma competição entre homens e mulheres, pois era usual a prática de substituir um homem de baixa produtividade por uma mulher. O homem, ofendido, passava a produzir mais. Tais elementos denotam desigualdades históricas. O homem, no âmbito privado, mas principalmente no público, não poderia se ver em uma posição inferior à da mulher, nem mesmo em um contexto emergencial de guerra.

Interessante notar que o artigo em questão destaca o fato de que aqueles empreendedores que viram a entrada das mulheres no mercado de trabalho com resistência mudaram de opinião. Tal colocação tinha o claro intuito de também convencer os leitores. Segundo o texto,

uma razão aliás por que o emprego de mulheres vai dando tão bons frutos é que houve efetivamente, na indústria de aviação, uma sensível mudança em métodos de fabrico. Para alcançar a produção em massa, muitas operações se converteram em outras de menor vulto que se prestam mais a repartir-se, tornando-se por consequência mais monótonas. Ora, a costura e o tricô

tornam as mulheres em geral habituadas à monotonia. Têm elas, em regra, dedos mais destros, e são mais pacientes que os homens.²⁰

O excerto deixa claro que o sucesso do trabalho feminino nos Estados Unidos se deve mais às mudanças sofridas no processo produtivo do que, de fato, à competência das mulheres. Os estereótipos construídos sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade, entretanto, justificariam o sucesso das mulheres nessas novas funções. Do artigo, subentende-se que o homem ativo não se coaduna bem com funções monótonas, ao contrário da mulher que faz tricô ou costura. Não havia saída: mesmo entrando no serviço de Guerra, o trabalho da mulher era visto como menor. Com um processo produtivo mais monótono e simples, as mulheres poderiam assumir tais postos de trabalho. Desta forma, percebe-se como as concepções de gênero se adaptam a novos contextos históricos utilizando-se de velhas concepções, nas quais mulheres e homens possuem características homogêneas e essencializadas, mesmo em contextos tão distintos. Apesar de realidades díspares entre Brasil e Estados Unidos, o artigo se mostrou uma peça essencial para o esforço de guerra em ambas as nações.

Sobre o perfil das trabalhadoras, o texto indica uma preferência pelas mulheres casadas, com maridos mobilizados para a guerra, ou as viúvas, entre 25 e 35 anos, que possuíssem filhos para sustentar. As mulheres com alta instrução e as "muito bonitas" não eram o alvo das contratações. Percebe-se, portanto, que as mulheres com tais características eram vistas como problemáticas pelas indústrias, ou seja, mulheres que poderiam desestruturar as rígidas hierarquias produtivas e de divisão social do trabalho instauradas. E esse quesito pareceu valer para ambas as nações.

Por motivos óbvios, *Seleções* não trouxe à tona a mulher brasileira no contexto de guerra. Não houve necessidade de as brasileiras assumirem essa responsabilidade, mas para a revista, a mulher norte-americana funcionava como um exemplo a ser seguido pelas leitoras brasileiras. Os artigos que saíram no Brasil sobre a atuação da mulher norte-americana indicam como devia agir a mulher em momentos de exceção. Assim, como a participação dos Estados Unidos e do Brasil foi diversa no que se refere ao conflito, com diferenças extremas nas atuações em combates, *Seleções* parece ter se preocupado em trazer à mulher brasileira mais exemplos da participação da mulher norte-americana em outros contextos do que necessariamente no *front* de guerra. A revista demonstrou, mais intensamente, o interesse de preparar

a mulher brasileira para o pós-guerra, construindo um imaginário de uma mulher mais ativa socialmente sem desassociá-la, no entanto, dos atributos do lar e das expectativas de consumo.²¹

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, a abordagem dada ao trabalho feminino e ao papel da mulher dentro da família e da sociedade se modificou. O período do pós-guerra assistiu a um novo embate nas formas de organização e nos padrões de comportamento e muitas mulheres demonstraram suas incertezas em relação aos papéis que deveriam representar na sociedade. Com o término do conflito, as mulheres que ocupavam uma grande parcela do mercado de trabalho nos Estados Unidos começaram a ser convocadas, agora, a retornarem ao seu papel doméstico.

O número de casamentos após 1945 cresceu exponencialmente nos Estados Unidos e a geração do *baby boom* nasceu nos anos seguintes ao término da guerra.²² Para que tal reorganização se efetivasse, fazia-se necessário que as mulheres reassumissem um papel de não competição com os homens que retornavam do conflito prontos a retomar os seus postos de trabalho. Enquanto o governo norte-americano implementava medidas de realocação e reinserção social dos ex-combatentes, as revistas, os jornais, o rádio, o cinema e outras formas de divulgação contribuíam para que as mulheres fossem impelidas a retornar a um papel protagonista no âmbito familiar, mas secundário socialmente. Essas modificações discursivas apareceram principalmente nas páginas do *Digest*, mas, também, nas de *Seleções*. Revistas como as do *RDA* apontavam para as benesses do retorno ao lar, com a modernidade facilitando a vida das donas de casa, além de uma forte exaltação e proposição do consumo.

No entanto, nesse período posterior à Segunda Guerra Mundial, embora os meios midiáticos e o próprio governo incentivassem o retorno da mulher ao lar, ao contrário do que comumente se imaginava, a mulher norte-americana permaneceu em diversos postos de trabalho, principalmente nos cargos de secretárias, enfermeiras, estenógrafas, além da tradicional ocupação como professora.²³ Segundo William Chafe,

a guerra fez com que o trabalho feminino fosse cada vez mais aceito como parte da vida da classe média. No passado, as esposas da classe média haviam sido desencorajadas a ter um emprego por medo do ostracismo social. Se uma mulher entrasse em um emprego que competisse com o de seu marido, ela representava uma ameaça às noções tradicionais de superioridade masculina e desafiava a imagem do homem como provedor.

Por outro lado, se ela aceitasse um emprego que estava abaixo de seu nível social, ela traria vergonha para a sua família e criaria um problema de inconsistência de status. A guerra ajudou a resolver os dois problemas. Primeiramente, ajudou a legitimar o trabalho para mulheres de todas as classes ao definir o trabalho como uma necessidade patriótica. Em segundo lugar, ela criou um grande aumento em empregos “respeitáveis” para mulheres brancas de classe média ocuparem – um aumento que continuou na era pós-guerra.²⁴

Sua permanência no contexto norte-americano, sobretudo ao longo da década de 1950, deve-se, entre outros fatores, ao fato de que era a renda do trabalho feminino que contribuía para que muitas famílias norte-americanas pudessem ser consideradas pertencentes à classe média e assim usufruir dos diversos bens de consumo disponíveis. O deslocamento do lugar da mulher na sociedade afetava diretamente o seu papel dentro das relações de gênero, o que causou inúmeros conflitos entre homens e mulheres. A mulher poderia se manter em certos postos de trabalho, desde que a crescente e cada vez mais difundida família de classe média norte-americana estivesse em primeiro plano.

William Chafe caracterizou esse dilema que as mulheres viveram no pós-guerra como o "paradoxo da mudança", ou seja, ao mesmo tempo em que a mulher experimentava uma vida mais independente das atribuições do lar, os movimentos sociais destacavam que apesar de todo esse acesso à modernidade a mulher ainda era vista e estava em uma posição de subalternidade em relação ao homem.²⁵ Nas próximas décadas, o paradoxo permaneceria, e, apesar de os papéis destinados e possíveis às mulheres cada vez mais se diversificarem, a dualidade da dupla jornada de trabalho para as mulheres se manteve, contribuindo, também, para a manutenção e crescimento do ideal de uma classe média, que se acreditava universal.

Os artigos publicados pelo *Digest* e muitas vezes reproduzidos em *Seleções* destacavam que a expansão da classe média se apresentava como um fator primordial para a manutenção da democracia no período do pós-guerra. Em um artigo, publicado em janeiro de 1947, intitulado *Democracy's First - and Last - Chance in Latin America (We are up against stiff competition in selling our way of life to our neighbors to the south) - (A primeira - e última - chance da democracia da América Latina - estamos em uma competição dura para vendermos nosso estilo de vida para nossos vizinhos do Sul)*, o *Digest* destaca a preocupação norte-americana com a situação política e econômica nos países latino-americanos.²⁶ O texto não foi reproduzido posteriormente por *Seleções*.

Segundo o artigo, os Estados Unidos estavam visualizando a possibilidade de poder ter pela primeira vez nações democráticas com quem poderiam cooperar no continente. No entanto, tal cenário poderia ser convertido em uma influência do comunismo, o que ocasionaria uma ameaça à possibilidade de uma unidade interamericana. Outra preocupação residia na ascensão de políticos demagogos, tais como Juan Domingo Perón, que, segundo o artigo, estaria difundindo um nacionalismo oportunista na Argentina. O texto questiona, então, “qual é a posição da democracia frente a este desejo?”²⁷ A solução, portanto, assentaria-se em dois pontos estratégicos: o crescimento de uma classe média e uma reforma econômica promovida, também, pela religião católica, um dos principais pilares do tradicionalismo latino-americano. Segundo a publicação:

A classe média crescente é um importante recurso da democracia. O crescimento de cidades secundárias juntamente com as capitais deu ao governo representativo mais segurança, diminuindo as chances de uma ditadura centralizada.

Outro fator favorável: hoje em dia muitos católicos influentes, cuja hierarquia costumava apoiar os antigos regimes da terra, perceberam que para parar o materialismo marxista, a religião deve patrocinar reformas econômicas. [...] O Arcebispo da Costa Rica lidera um crescente movimento trabalhista. No Chile, Brasil e em outros lugares, há movimentos que procuram basear uma renovação religiosa em programas de justiça social.

[...] Na eclosão da guerra, fizemos esforços emergenciais para atingir todas as pessoas, estabelecendo em nossas embaixadas na América Latina escritórios de cultura, imprensa e trabalho. Quando habilmente preenchidos, estes postos foram inestimáveis na promoção da amizade e em manter Washington alerta em relação às mudanças na opinião pública na América Latina. Mas hoje muitos estão vagos – ou, pior, preenchidos por homens não treinados para seus trabalhos. Este trabalho é tão vital agora quanto foi em 1942.²⁸

É inegável que a revista promovia a existência de uma classe média tradicional e transnacional em bases conservadoras: aquela que impulsionava a indústria através do consumo e em bases cristãs. O artigo destaca que, assim como em 1942 a atuação norte-americana era essencial para a manutenção da democracia na América Latina, agora, no pós-guerra, ela seria também fundamental para impedir o avanço de regimes nacionalistas e, principalmente, do discurso comunista na região. Foi nesse sentido que, à medida que a Guerra Fria começava a ganhar seus primeiros contornos, as revistas do *RDA* se dedicaram a se opor ao programa socialista difundido pela União Soviética e seus aliados.

Em artigo que trata do modo como o modelo norte-americano está sendo difundido pelo mundo, a revista, ao se colocar contra a União Soviética, apresenta o

que chama de Revolução Americana, que teria como base fundamental o capitalismo. Segundo o artigo do *Digest*,

se todo capital Americano no exterior fosse tão esclarecido e empreendedor quanto o melhor capital Americano no exterior, os impedimentos seriam todos derrubados e, então, na maioria das regiões do mundo que não estão desenvolvidas hoje, haveria uma nova e melhor remunerada classe trabalhadora, uma crescente nova classe média, uma nova e maior classe de investidores e uma nova e crescente prosperidade. Contra a prosperidade, os agentes da revolução russa se esforçariam em vão. Nenhum país moderno e eficiente, a não ser por pressão militar, entrou na órbita de Moscou.²⁹

Dessa forma, a contenção do avanço soviético se apresentava como uma contrarrevolução em que o capitalismo seria fundamental para a difusão de um mundo mais próspero, democrático, em que as mais diversas classes sociais seriam beneficiadas. As revistas do *RDA* vinham construindo esse imaginário contrário ao comunismo desde 1942, mesmo que de forma velada. A mulher, nesse contexto, também foi depreciativamente associada ao “perigo vermelho”. Em março de 1942, em um pequeno texto de complemento de página, *Seleções* destacava que

nestes tempos modernos, toda vez que uma pequena beija um homem, deixa-o marcado... E não somente o homem, mas os cigarros, os copos, as toalhas, as colheres, tudo enfim que é tocado pelos lábios de uma mulher fica com a marca ostensiva! No entanto, ninguém imagina quanto pode desapontar o espírito e o sentimento romântico de um indivíduo o fato de sair dos braços da mulher querida com um sabor de gordura vermelha na boca e a aparência de um palhaço de circo. Pouco me importa que as moças pintem os lábios. O que eu quero é que não me pintem a mim. Afinal de contas, a substância que as mulheres usam nos lábios é uma impertinência, pois enquanto elas não podem retê-la, os homens dificilmente conseguem limpá-la. É, portanto, um verdadeiro Perigo Vermelho.³⁰

A revista *Seleções* adentrou o mercado brasileiro visando ser um aliado do governo norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial e no âmbito da Política da Boa Vizinhança, mas acabou servindo, também, aos propósitos norte-americanos no correr da Guerra Fria. As diferentes formas de se representar a família, privilegiando a de classe média, a mulher e as possibilidades de consumo que surgiam, presentes nas revistas do *RDA*, refletiram tais propósitos e, apesar das diferenças econômicas e políticas entre Brasil e Estados Unidos, elas parecem ter sido assimiladas pela população brasileira, tendo em vista a tiragem crescente das publicações ao longo dos anos 1950 e 1960. Tal fato nos leva a crer que tais representações estavam inseridas em discursos de articulação entre o global e o local,

com a finalidade de promover estabilidade política e social, além de contribuir para aspectos fundamentais da cada vez mais ascendente economia norte-americana.

Acerca de sua postura em relação ao papel da mulher na sociedade, o posicionamento das revistas do *RDA*, evidenciado pela escolha de artigos, revela-se como o de reforçar os comportamentos tradicionais e conservadores, reconhecendo a existência (indesejada) de outros comportamentos mais transgressores ou inovadores. Parte das mulheres se encontrava, portanto, em um momento de novas possibilidades de inserção no mundo, mas também de novos deveres, sem, no entanto, poderem abandonar os deveres que tinham anteriormente. Essa "dupla jornada", como citado, caracteriza-se por deveres no mundo do trabalho assalariado/público sendo somados aos deveres domésticos/privados. Ao invés de compartilharem os deveres e direitos com os homens, cabia às mulheres, já que "desejavam" ter novos direitos, arcarem, no período do pós-guerra, com o peso dos novos deveres sozinhas.

¹ *Reader's Digest* (set. de 1947, p. 74). Doravante, todas as traduções são de minha autoria. No original: "The trouble with women is that they haven't taken over. Look at the mess the men have made in the world."

² Doravante, as revistas *Reader's Digest* e *Seleções do Reader's Digest* serão apresentadas, respectivamente, como *Digest* e *Seleções*.

³ Neste contexto, o *Reader's Digest* se dedicava a apresentar de forma negativa tanto países, como Alemanha, Itália e Japão, quanto personagens importantes dentro do conflito, tais como Hitler, Mussolini e outras lideranças de importantes quadros do Eixo. A União Soviética comumente foi apresentada de forma comedida, destacando-se sua importância para o conflito, mas ressaltando-se a preocupação que aquela nação causava e poderia causar no pós-guerra aos Estados Unidos.

⁴ Diversos trabalhos trataram das diferentes formas de participação das mulheres ao longo do conflito. Cabe destacar, principalmente: HARTMANN, Susan M. *The Home Front and Beyond: American Women in the 1940s*. Boston: Twayne Publishers, 1982. WEATHERFORD, Doris. *American Women and World War II*. New York: Castle Books, 2008. YELLIN, Emily. *Our mother's war: American women at Home and at the Front during the World War II*. New York: Simon and Schuster, 2004.

⁵ *Reader's Digest* (fev. de 1943, p. 7-10). No original: "We must use our womanpower to an extent heretofore undreamed of in America. In Russia, women are fighting in battle; behind the lines they are doing men's work. That's one reason why the Russian army has performed so magnificently. I was recently on a Russian merchant ship in an American port and the captain and 47 of the crew of 50 were women. I don't believe in sending women into battle. But I do believe they can man anti-aircraft guns in all our coastal cities. Some may be wounded, as nurses were wounded at Corregidor, but men and women are in this war together. Thousands of women now in non-essential work must change their jobs. Millions not now in jobs must go to work. Those women who cannot work in factories and shops will perform such essential tasks as caring for children whose mothers are working in munitions plants. Nurses who have married and retired must resume their profession. [...] This is a war in which all of us must fight side by side, civilians and military, men and women, Russians, British, Chinese. A united effort will lift us spiritually. We will become an undefeatable nation."

⁶ O artigo foi publicado em *Seleções* no mês de abril de 1944 com o título de *Mulheres da América ao serviço da vitória*. A tradução do artigo simplifica algumas colocações de Eleanor Roosevelt. Por este motivo optei por realizar uma tradução do material original publicado pelo *Digest*.

⁷ *Reader's Digest* (jan. de 1944, p. 42-45). No original: "So far the Waacs have been the only ones allowed overseas. This seems to me ridiculous. The restriction on the activities of our other women's military services is not due to any feeling of Congress or the military authorities that women cannot do the job. It is due, rather, to a false chivalry, which insists that women be protected from war hazards and hardships, even against their own wishes. Some women accept this point of view, but I believe most of us would rather share more fully in the experiences of our men."

⁸ *Ibidem*, p. 43. No original: "the many thousands of women who are not doing any unusual work, but are simply running their houses quietly and efficiently, are contributing more to the war effort than they themselves realize."

⁹ *Reader's Digest* (mai. de 1943, p. 43-46).

¹⁰ O assunto foi amplamente discutido em YELLIN, Emily. The "wrong kind" of woman: prostitutes, unwed mothers, and lesbians. In: YELLIN, Emily. Op. Cit.

¹¹ *Reader's Digest* (mai. de 1943, p. 43-46). No original: "the root of the problem lies in the American home. Back of every delinquent girl, every tragedy of promiscuity and disease, stands the shadow of delinquent parents. Every father in uniform leaves a double responsibility with his wife; every mother on the production line has a double job to do. America's mothers today must become more deeply conscious of the importance of family life; if they do not, too many of our mothers of the future will have a sordid background of immorality and venereal disease."

¹² *Reader's Digest* (set. de 1944, p. 105-107). No original: "They learned about women (why do women workers act like women? And what can be done about it?)" Como veremos no próximo subtítulo, o artigo em questão destoa drasticamente da construção da mulher que trabalhou, nos anos de guerra, nas indústrias de aviões.

¹³ *Seleções do Reader's Digest* (dez. de 1944, p. 86-88).

¹⁴ *Reader's Digest* (set. de 1944, p. 105-107. Grifos do original). No original: "At Consolidated Vultee Aircraft Corporation, for example, where more women are employed than men, absenteeism among the women was five times as bad as among the men. Also four out of five women quit before they had worked a year. Recruiting and training more women to take their places was expensive both in time and money; it kept expert workers busy teaching instead of producing. [...] Women are primarily interested in being women. Their interest in any other kind of success runs a bad second. Maybe it could be said with equal truth that men are primarily interested in being men – but being a man includes making good in a man's world. Being a successful woman seldom includes that at all. Working for wages is something a woman does until: - until she finds the right man, until the baby comes, until her man comes home [...] until the war is won. [...] And what will become of them when they go back to their homes? 'They will be better wives and homemakers,' Mrs. Jackson insists. 'They will know how tires a man is when he comes home. They will know what it means to earn money; it means hard work. They will have learned the value of time, and how to budget it; their new knowledge of the value of system and order will be reflected in their housekeeping. Above all, they are learning how important it is to get along with people – how much a harmonious home means, even in terms of efficiency on the job, and hence in the pay envelope.'"

¹⁵ Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Ed. da USF, 2000.

¹⁶ Sobre o contexto norte-americano, ver: DIGGINS, John Patrick. *The Proud Decades: America in war and Peace, 1941-1960*. New York: W.W. Norton & Company, 1989. Mais informações sobre a mulher nos Estados Unidos podem ser encontradas em: CHAFE, William H. *The paradox of change: American women in the 20th century*. Oxford: Oxford University Press, 1992. Sobre a mulher e o contexto da Segunda Guerra Mundial, além das obras citadas, ver: WEATHERFORD, Doris. Op. Cit.

¹⁷ *Seleções do Reader's Digest* (ago. de 1942, p. 71-74).

¹⁸ *Reader's Digest* (jun. de 1942, p. 102-105).

¹⁹ *Seleções do Reader's Digest* (ago. de 1942, p. 71-74). Como destacado no subtítulo anterior, o presente artigo apresenta os aspectos positivos da entrada das mulheres no processo produtivo industrial, enquanto o artigo publicado pela *Digest* em 1944 visa descaracterizar essa construção.

²⁰ *Ibidem*, p. 72.

²¹ *Seleções*, desde o primeiro número publicado no Brasil, deteve-se a difundir produtos voltados para o ambiente doméstico e para a família, tais como: ar condicionados, rádios, lavadoras de roupa, geladeiras, máquinas de escrever e de costurar. Também, inúmeros produtos, de certo modo inacessíveis ao público, aparecem nas páginas de publicidade, como aviões e automóveis.

²² Sobre o assunto, ver: MAY, Elaine Tyler. *Baby boom and birth control: the reproductive consensus*. In: MAY, Elaine Tyler. *Homeward Bound: American families in the cold war era*. New York: Basic Books, 2008.

²³ Cf. CHAFE, William H. Op. Cit. Grifos do original.

²⁴ *Ibidem*, p. 162. No original: *the war helped women's work to become an increasingly accepted part of middle-class life. In the past, wives from the middle class had been discouraged from taking a job by the fear of social ostracism. If a woman entered an occupation that was competitive with that of her husband, she posed a threat to traditional notions of male superiority and challenge the image of the man as a provider. On the other hand, if she took a job that was inappropriate to her class standing, she brought social embarrassment to her family and created a problem of status inconsistency. The war aided in resolving both dilemmas. First, it helped to legitimize work for women of all classes by defining employment as a patriotic necessity. And second, it prompted a boom in white-color occupations which were "respectable" for women of middle-class status to hold – a boom which continued throughout the postwar era.*

²⁵ Cf. CHAFE, William H. Op. Cit. O autor, em capítulo intitulado *The debate on woman's place*, discute amplamente o assunto.

²⁶ *Reader's Digest* (jan. de 1947, p. 113-116). No original: *Democracy's First – and Last – Chance in Latin America (We are up against stiff competition in selling our way of life to our neighbors to the south).*

²⁷ *Ibidem*, p. 115. No original: "what is democracy's position in the face of this drive?"

²⁸ *Ibidem*, p. 115-6. No original: "The growing middle-class is a prime democratic asset. The growth of secondary cities along with capitals has put representative government on a firmer footing, lessening the chances of central dictatorship. Another favorable factor: Today many influential Catholics, whose hierarchy generally supported the old landed regimes, realizes that, to halt Marxism materialism, religion must sponsor economic reform. [...] The Archbishop of Costa Rica leads a growing labor movement. In Chile, Brazil and elsewhere, there are movements which seek to base religious revival on a program of social justice. [...] At the outbreak of the war we made emergency efforts to reach all the people by establishing in our Latin-American embassies cultural, press and labor offices. When ably filled, these posts are invaluable in promoting friendship and keeping Washington alert to the shifts of Latin-American public opinion. But today many are vacant – or, worse, filled by men untrained for their jobs. This work is just as vital now as it was in 1942."

²⁹ *Reader's Digest* (mar. de 1948, p.27-32). No original: "If all American capital abroad would be as enlightened and adventurous as the best American capital abroad, the impediments to it would wholly fall; and then, in most of the now undeveloped regions of the world, there will be a new better-paid working class, a new rising middle class, a new larger capital-investing class, a new growing prosperity. Against that prosperity the agents of the Russian Revolution would hurl themselves in vain. No modernized effective country, except under military pressure, has ever entered the Moscow orbit."

³⁰ *Seleções do Reader's Digest* (mar. de 1942, p. 8. Grifos do original).